



Parentes

Rogério Ferrari ¹

Resumo

O ensaio fotográfico é parte do acervo do livro “Parentes” que busca eternizar em imagens a realidade dos povos indígenas brasileiros. Uma materialidade ainda de exclusão e dor, mas ao mesmo tempo de resistência e beleza.

Palavras-chave: Povos Indígenas, Bahia.

Parentes

Resumen

El ensayo fotográfico es parte del acervo del libro “Parentes” que busca eternizar en imágenes la realidad de los pueblos indígenas brasileños. Una materialidad aún de exclusión y dolor, pero al mismo tiempo de resistencia y belleza.

Palabras llave: Pueblos Indígenas, Bahia.

Parentes

Summary

The photographic essay is part of the collection of the book "Parentes" that seeks to perpetuate in images the reality of Brazilian indigenous peoples. A materiality still of exclusion and pain, but at the same time of endurance and beauty.

Key words: Indigenous Peoples, Bahia.

¹ Fotógrafo independente, Rogério Ferrari (1965-) é baiano de Ipiaú e vem retratando povos de várias partes do mundo que resistem para existir. Ele assina uma obra singular que chega agora ao seu sétimo volume (Parentes), e se inscreve no âmbito do projeto Existências-Resistências, que, através de suas publicações, de debates e exposições fotográficas tem evidenciado as lutas dos palestinos que vivem sob a violenta ocupação israelense; do povo curdo, na parte da região ocupada pela Turquia; os Zapatistas, no México; o Movimento dos Sem-Terra, no Brasil; os refugiados palestinos, no Líbano e na Jordânia; os refugiados Saarauís, no deserto do Saara e nos territórios ocupados pelo Marrocos; os Mapuche, no Chile; os ciganos, na Bahia; e os índios Guarani Kaiowá, no Mato Grosso do Sul.

Somos mais índios do que pensamos e sabemos. Não são eles que não parecem índios, somos nós que não sabemos o quanto somos.

No hino da minha *aldeia*, Ipiaú, no interior da Bahia, constam duas estrofes que exaltam como um entreposto, no meio do mato, se tornou cidade. A primeira diz: “na fibra e na coragem do teu povo, reside a tua riqueza Ipiaú”, e a seguinte, “salve os pioneiros que um dia chegaram e que plantaram os teus cacauais”. Essa última me faz torcer o nariz, tal como o personagem de Pirandello no livro “Um, nenhum e cem mil”, que, ao olhar-se no espelho, não se reconhece.

Resulta que o nosso espelho reflete uma imagem distorcida, pois a sociedade brasileira, como qualquer outra que emerge do poder e imposição do Estado-nação, é o resultado de uma violência anterior. Resultamos de uma insólita dialética cujo precedente de violência nos fez ser um povo que se constituiu através da violação de outros povos, aqueles diversos Outros que aqui habitavam. Todos aquelas vidas e mundos que estavam nesse território antes da chegada das caravelas foram violentados, caçados, exterminados, aldeados, para dar lugar aos pioneiros que um dia chegaram em navios, mulas, trens, ônibus, em longas caminhadas e em aviões particulares.

Em nome da civilização e da bíblia, sacerdotes e mercenários desembarcaram nesse continente para converter, matar, e usurpar tudo que fosse possível. Aqui não havia propriedade para que alguém se atrevesse a dizer *isso é meu*. Os diversos povos nativos que habitavam e habitam esse lugar tinham – e alguns ainda têm – a vida pautada por uma dimensão coletiva, o contrário do sentido individualista que rege as relações sociais nas sociedades de consumo e que se ordenam sob a lógica banal do belicismo civilizatório. Não concebiam nenhum tipo de autoridade que pudesse impor ordens, pois quem mandava, mandava obedecendo. A relação entre as pessoas era destituída de um poder estatal ou pessoal, de uma hierarquia capaz de estabelecer subordinações e tiranias. Logo, a imposição do Estado e de um Deus, de uma religião regida pela culpa e punição, era inconcebível para os povos habituados à ausência de um poder dicotômico, exercido de cima para baixo. Os europeus ao perceberem que aquilo que pregavam como *civilização* não fazia o menor sentido para a diversidade dos povos nativos, deixaram de lado a cruz e o verbo e adotaram de imediato o uso deliberado da espada e das bactérias. O que se pretendia como civilização implementou a *barbárie*. Mata-ram e sugaram todas as vidas que puderam. Se é que é possível auferir, fala-se que o genocídio cometido pelos colonizadores europeus matou, aproximadamente, sessenta milhões de *indígenas*. A Europa de hoje não seria o que é sem o ouro, o sangue, a prata, a terra, sem tudo

aquilo que daqui roubaram. Nós, tampouco. Afinal, somos consequência dessa insólita dialética.

Os povos nativos, apesar das tentativas históricas para fazê-los desaparecer como pessoas que possuem uma forma própria de viver a vida, representam ainda um referencial de serenidade, de respeito a todos os seres existentes. Um referente oposto ao que norteia as sociedades do asfalto.

Da cana de açúcar à Belo Monte, persiste a lógica de um progresso que significa espoliação e violência. Uma sociedade que emerge e se mantém baseada em relações de espoliação e assassinatos não deve ser naturalizada. Pensar que o Brasil é isso, naturalizar esse processo de formação social, é acatar a infâmia como idiossincrasia nacional. Um continente-país pautado historicamente pelo colonialismo externo e interno, que nunca teve um governo que primou pelo critério de justiça e respeito à dignidade, não é uma nação. O que temos historicamente é um arremedo, um disfarce onde “liberdades” formais e um ordenamento jurídico hipócrita maquiagem o crime e perpetuam a obediência. Somos corpos curvados aos padrões morais e sociais de uma civilização que corresponde a um modelo imposto, em lugar de muitos outros possíveis e necessários. Ocorre que acatamos uma ordem social cuja essência e sentido é submeter todos e todas. Isso não é uma constatação – vivemos constatando e remediando –, mas sim a reiteração da necessidade de pararmos de seguir comendo moscas.

Contemos de 1500 até o momento presente. Qual é o sentido da nossa atualidade? O genocídio inaugurado por caravelas e bíblias acaso não persiste? Como se entende o fato de que os povos nativos dessa terra continuem vivendo sob acosso, sendo assassinados e tendo ainda suas terras tomadas e não demarcadas por governos que governam a mando do agronegócio, das mineradoras e do sistema financeiro? O que é o progresso senão uma invenção criminosa quando se caracteriza pelo assassinato, escravização de povos e pela destruição da natureza? Passado e presente como uma coisa só, pois resta saber qual a diferença *essencial* entre um mercenário e um banqueiro, entre os bandeirantes e as polícias, entre a *casa grande* e as formas modernas de exploração e propriedade. Acaso o colonialismo, o racismo, a negação da vida dos outros *eus* não persiste em todos os âmbitos de nossa realidade? Ou seja, esse passado não acabou, ele está ativo no presente. A lógica que fundou essa sociedade é a mesma que a faz existir como uma infâmia e seguir afundada na injustiça e na vergonha.

Não foram apartados, mas dizimados por doenças e pela civilização. No entanto, a despeito da violência histórica que persiste, do racismo comum na sociedade brasileira, e de não sabermos da dimensão do que é ser brasileiro e ser também Tupinambá, Pataxó, Tuxá, Kiriri, Pankarú, Pankararé, Kariri-Xocó, Pataxó Hã-Hã-Hãe, Kaimbé, Paiaia, Atikun, Kanta-

ruré, Tumbalalá, Truká, Xucuru-Kariri, Tuxi, Catrimbó, Imboré, Kamakã, os nossos Parentes existem e re-existem.

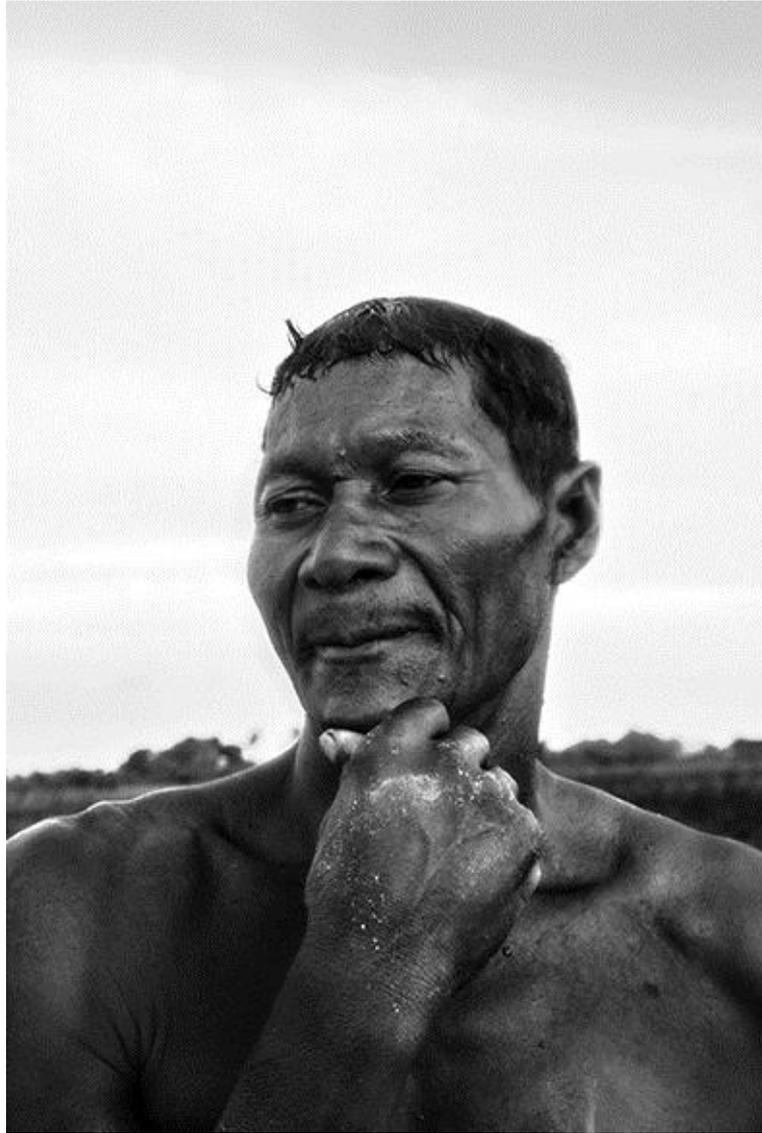
Os Parentes, diga-se, os outros nós, *indígenas* na Bahia, povos indígenas no Brasil, nos falam para abrir os olhos e perceber que aquilo que foi concebido como civilização é um mundo regido pela negação e exploração do outro, pelo patriarcalismo, pelo capitalismo, pela destruição da natureza, pela palavra que não diz e pelos olhos que não veem.

A civilização como significado de novos valores e condutas pode ter sido um conteúdo válido para uma modernidade europeia, mas sua pretensão de universalidade, poder e domínio, tornou-se sinônimo de violência e assassinatos para outros povos do mundo. Por isso, remediar, tentar remendos pessoais ou políticos, é uma forma de insistir no erro, de seguir na tragédia existencial, estendendo o abismo e impossibilitando o salto. Reinventemos o barco e os pés. Vamos submeter ao vento essa passividade, e perceber que houve e pode haver *espíritos* livres. Um tempo para ser e não para ter. Que é possível e necessário conceber a vida sob parâmetros autônomos, sem que o tempo-espço, a vida, resulte de convenções impostas, de mentiras transformadas em normalidades.

Enquanto caminhava por um lugar ainda povoado por cedros, jacarandás, tatús, borboletas, e até por um jagaretê ocasional, escutei, através do silêncio dos Mbyá, um amigo guarani dizer: “nós até podemos querer e precisar de algumas coisas que o mundo karaí, dos brancos, tem, pois nos cercaram e agora estamos bem confundidos por ter tido o nosso mundo bem destruído. Mas, sendo um pouco ainda o que nós somos, nós não queremos ser o que vocês são, ou estar como vocês estão”.

A fotografia neste livro, semelhante aos trabalhos anteriores sobre os ciganos, os guaranis kaiowá, os palestinos, os curdos, os zapatistas, sobre o povo saaraui, é a fotografia com o propósito de participar, de comunicar para atuar. A imagem palavra. Ênfase deliberadamente os retratos dos nossos parentes para dizer que somos mais índios do que pensamos e sabemos. Não são eles que não parecem índios, somos nós que não sabemos o quanto somos.



















Fotos:

Kariri Xocó

Pataxó

Tumbalalá

Kaimbé

Kiriri

Pankaré

Tupinambá

Tuxá